

O Milenarismo do Beato Amadeu da Silva

Domingos DIAS
(Universidade Aberta)

Dados Biográficos

O primeiro dado identificador do Beato Amadeu é o da relação familiar. João Meneses da Silva, o Beato Amadeu, era filho de Rui Gomes da Silva, da casa do Infante D. Duarte, a quem acompanhou na tomada de Ceuta, e de D. Isabel de Meneses, filha natural do primeiro conde de Vila Real, D. Pedro de Meneses, que foi também o primeiro governador de Ceuta. É irmão de Santa Beatriz da Silva, a fundadora das Concepcionistas, e do primeiro conde de Portalegre, Diogo da Silva de Meneses.

Nascido em Campo Maior, ou em Lisboa, por volta de 1427, e não em Ceuta, como erradamente se levou o papa Paulo VI a afirmar aquando da canonização de sua irmã,¹ foi educado com D. Afonso V na corte de D. Duarte e tomou parte na batalha de Alfarrobeira ao lado do rei. Sendo ferido num braço, acabou por se retirar para Guadalupe, em Espanha, entrando aí na Ordem dos eremitas de S. Jerónimo.

De Guadalupe passou a Itália, onde entrou na Ordem de S. Francisco. Levado pelo espírito de exigência, que lhe pedia mais do que a Ordem lhe podia dar, mas pelo sentido da obediência e do respeito pela hierarquia, que lhe não consentiam aderir aos "espirituais" por estes se haverem desligado da obediência hierárquica, acabou por fundar um ramo próprio, que congregava o rigor com a subordinação ao Geral da Ordem. Quando trabalhava mais afanosamente na expansão da sua Congregação, foi eleito papa, com o nome de Sisto IV, o Superior Geral dos franciscanos, que o escolheu para seu confessor e conselheiro. Transferindo-se de Milão para Roma, foi instalado em S. Pedro in Montorio, onde passou a viver com uma pequena comunidade. Daí dirigia ainda com mais eficiência a sua Congregação. Aí escreveu a obra que o havia de tornar conhecido ao longo do tempo.

A obra *Apocalypsis Noua*

É integrada neste contexto que *Apocalypsis Noua* ganha o seu verdadeiro significado.

Sisto IV (1471-1484) era apenas o sétimo na sequência dos papas posteriores ao Concílio de Constança (1414-1418), que pôs termo à divisão da Igreja entre a obediência a Avinhão e a obediência a Roma. No Dec. *Haec Sancta*, de 6 de Abril de 1415, afirmava o Concílio: "Toda a gente, seja qual for o seu estatuto, seja qual for a sua dignidade, mesmo que seja a do papa, é obrigada a obedecer-lhe no tocante à fé, ao fim do supracitado cisma e à reforma geral desta Igreja de Deus na sua cabeça e nos seus membros". Neste parágrafo, como Hans Küng afirma², o Concílio atribui-se como tarefas a causa da fé, a causa da união e a causa da reforma. Mas pressupõe também a primazia do Concílio relativamente ao papa.

Este quadro fornece-nos a chave para a compreensão da obra.

Estando em oração, Amadeu vê-se transportado para uma Assembleia onde anjos e santos louvavam a Deus. Recebe-o o arcanjo Gabriel, que o informa das razões por que ali se encontra. Deus tem um plano e quer Amadeu como seu colaborador. E o plano de Deus coincide, em linhas gerais, com o programa definido pelo Decreto do Concílio de Constança: apiedar-se do género humano, purificar o mundo de todos os erros, reconduzir todos os homens ao seio da única verdade. A tarefa da reforma, bem como toda a responsabilidade na Igreja, caberá ao Pastor que Deus quer pôr à frente da sua Igreja. Neste ponto, a posição de Amadeu, ao afirmar inequivocamente a primazia do papa sobre o Concílio, caminha em sentido oposto à do Dec. conciliar *Haec sancta*. A Amadeu caberá a tarefa de intermediário. Por isso o alerta o arcanjo para que preste atenção a tudo quanto lhe vier a ser dito, o guarde no coração e o escreva, preserve o escrito e o guarde para o Pastor que Deus há-de enviar, quando a Deus aprouver.

É este o conteúdo do início, espécie de prólogo, de *Apocalypsis Noua*.

A obra é, numa primeira linha, uma exposição doutrinária, onde são passados em revista "cada um dos mistérios da fé" com vista a erradicar dessa mesma fé "muitas coisas vãs e supérfluas", para que "se creia com pureza e simplicidade naquilo em que se deve crer". É uma espécie de releitura da doutrina da Igreja.

A unidade da Igreja latina em torno da obediência a Roma tinha-se realizado. A reforma, porém, tardava. "Uma lição que a Europa de então deve ter tirado do 'período conciliar' é que os concílios não podiam, e os papas de então não queriam satisfazer a esta exigência."³ O sonho de toda a cristandade, que era a "reforma desta Igreja na sua cabeça e nos seus membros", "cuja necessidade se fazia sentir de modo tão urgente, foi abandonado".⁴

Amadeu não desiste do sonho e, dentro da sua área de acção, lança mãos à obra. Escreve. E volta-se para o estilo apocalíptico. Arrebatamentos, céus, tronos, assembleias de anjos e santos em torno do trono de Deus são elementos habituais desta literatura. A novidade em *Apocalypsis Noua* é a presença de Maria. Maria é outra das razões que levaram Amadeu a escrever. Como português e franciscano, tinha a questão da imaculada concepção de Maria e da sua assunção ao céu como tema de preocupação e combate. E, na sua obra, Maria é tema importante.

O Tempo

Sendo um grito de desespero e alerta, a sua obra olha para o futuro como o lugar da realização do sonho. E o sonho de Amadeu confunde-se com o plano de Deus, que não é diferente das decisões do Concílio de Constança, "a reforma da Igreja na sua cabeça e nos seus membros".

Todo o desenvolvimento de *Apocalypsis Noua* se projecta num quadro dividido em três tempos, os tempos da Igreja. O tempo do começo, iniciado pela concepção de Cristo na Anunciação, que é designada como "festum regni Christi aliqualis inchoationis – festa de uma espécie de início do reino de Cristo" (V,89); o tempo presente, iniciado com a entrega das "chaves" a Pedro, o "nouus pastor ouium – o novo Pastor das ovelhas", "Christi Domini locum tenens – que ocupa o lugar de Cristo", "cui succedent perpetuo pastores et uicarii Christi – a quem não-de suceder indefinidamente pastores e vigários de Cristo" (VIII,108); "Petre, [...] gregem meum tibi committo, oues meas tibi do et commendo. Tue sint. Esto earum dominus" (VIII,182); o tempo futuro, que se abrirá com o advento do Pastor que Deus quer pôr à frente da sua Igreja, o "nouum Agnum" que Deus há-de enviar, depois de vencida a degradação, para que ensine os segredos da fé a todos os povos (VIII,201). Este é apresentado como o tempo das "Núpcias do Cordeiro" (I,2).

O prólogo, contudo, faz uma leitura algo distinta dos tempos. Situa toda a acção no presente, que, implicitamente, é apresentado como tempo de degradação. É agora, *nunc*, que o Senhor quer "apiedar-se", quer "purificar", quer "reconduzir". Ao "erro" actual contrapõe-se a "verdade" futura; a justiça e a verdade futuras pressupõem a injustiça e o erro actuais. O futuro surge com duas fases. A primeira, traduzida pelo futuro perfeito "miserit": "quousque Deus miserit – até que Deus envie", é pontual, como que marca o início desse futuro; a segunda, traduzida pelo futuro imperfeito "aperiet", traduz um tempo que parece não ter fim: "... uirum illum qui librum a te conscriptum aperiet - ... o homem que há-de abrir o livro por ti escrito". Este futuro é o "tempo oportuno", que está na vontade de Deus. Num primeiro momento proceder-se-á à eliminação do mal: "se erradiquem da sua fé..."; o segundo momento é o da implantação da verdade: "se creia com pureza e simplicidade naquilo em que se deve crer...". O presente é o tempo da aprendizagem: "... enviou-me para que te instrua", porque a fé está eivada de "muitas coisas vãs e supérfluas".

O presente é o tempo da acção de Amadeu, que é instrumento de Deus na realização do seu plano: "Agora ... nosso Senhor... quer partilhar contigo estes seus segredos". Por isso, Amadeu há-de ouvir, escrever e guardar. O campo de acção do Pastor é o futuro, e a sua acção consiste em "abrir o livro", ou seja, dar a conhecer a todos os mistérios da fé que o livro guarda.

E onde se situa a margem de separação destes dois tempos?

Está para lá do tempo de vida de Amadeu, pois o anjo é claro quando lhe diz: "a fim de que vejas agora o futuro que não verás na situação de vida mortal". Parece, contudo, não estar muito distante, uma vez que a realização de quanto for escrito se verificará durante a vida do seu secretário: "Preparei-te quem tudo há-de escrever conforme o ouvir da tua boca, em cujo tempo se hão-de realizar estas coisas" (I,2). A fixação dessa margem, porém, está na vontade de Deus: "quando a Deus aprouver".

Amadeu quer conhecê-la e interroga o anjo: "Quando concederá o Deus clementíssimo a seu povo e a seus fiéis tão grande bem e tão abundante dom"? A resposta vem-lhe de Pedro, que repete a que ele mesmo ouviu da boca do Mestre: "*Não vos cabe conhecer os tempos ou os momentos que o Pai reservou ao seu poder*".⁵

Nesta resposta há duas mensagens: a vontade de Deus é inacessível ao homem, logo, o futuro é uma incógnita; em simultâneo, há uma associação implícita desse futuro, que será tempo de renovação da Igreja, ao restabelecimento do reino messiânico e, menos proximamente, à Parusia de Cristo. Parece, igualmente, apontar-se para uma determinada visão da natureza desse futuro que, como se verá depois, o aproxima dos tempos escatológicos.

A proximidade desse futuro é afirmada sob várias formas ao longo da obra. E, simultaneamente, afirma-se a sua incerteza. Diz-se, em III,21, que já é presente: "Chegou o tempo em que Deus vai fazer maravilhas". "Não se perturbe o vosso coração, levantai a cabeça, eis que a vossa redenção está próxima" é inscrição presente no trono de Cristo durante o primeiro encontro de Amadeu com a Assembleia que rodeia o trono. E a ideia da proximidade repete-se, em ligação com o Pastor. Ele "já veio ao mundo", "já nasceu e cresceu", "vive, mas ainda não reina", "já veio ao mundo, mas ainda não é Pastor", "anda agora simplesmente incógnito no meio de vós", "já está em Roma". A Amadeu é dito: "Já o viste, mas não na majestade referida. Está presente como o grão de trigo na terra [...] aquele que em Roma viste várias vezes até" (IV,44). "O Senhor, em breve, pelas preces desta mesma sua Mãe, vai reconduzir a seu culto o mundo inteiro" (VIII,177).

Ao mesmo tempo, reafirma-se a ideia de incerteza. "*Virá e não mente. Se te parecer que demora, espera porque, de certeza, virá*"⁶ (I,3) é outra das afirmações presentes no trono de Cristo

e Maria. Amadeu reconhece a impossibilidade desse conhecimento ao afirmar: "Contudo, uma vez que me não é dado conhecer o tempo de tão admirável acontecimento..." (III,20). E o sentimento de contradição entre a afirmação da proximidade e a incerteza de quando será brota na resposta do anjo a Amadeu, que o interroga sobre a hipótese de poder ver o Pastor: "Já o viste, mas não o reconheste. [...] E quando parecer um estranho, então estará próximo; quando parecer próximo, estará longe; e quando parecer longe, então estará perto" (IV,43).

O quando da realização do plano de Deus está para lá da possibilidade de conhecimento do homem, mas a certeza do seu advento é reafirmada nas inscrições do trono de Cristo: "*Virei de novo para junto de vós e o vosso coração alegrar-se-á.*⁷[...] *Virá e não mente.* [...] *Espera porque, de certeza virá.*⁸[...] *eis que a vossa redenção está próxima*⁹ (I,3).

Reafirmando a incerteza do quando, Amadeu deixa ver as condições que acompanharão o advento do tempo e do Pastor: surgirão como resposta a um estado de degradação. Quando lhe é dito quem é o futuro Pastor - "... já está em Roma, muito jovem, muito pobre, incógnito" - Amadeu pergunta: "Será que todas estas coisas vão acontecer rapidamente?" Afirmando que lhe vai responder, o anjo, de uma maneira velada, aponta para o quadro de degradação na Igreja. O Pastor actual é autor de muitas coisas boas e más. Nele, porém, o bem supera o mal. Virá depois "aquele que ele criará", em quem bem e mal se equivalem: "nem quente no bem, nem frio no mal". Depois, virá Simão Mago, objecto da benção de Esaú, ou seja, de toda a abundância de bens materiais, "que estabelecerá no Templo de Deus compradores e vendedores e as mesas dos cambistas". Mas "por causa de tão execráveis abominações, iniquidades e pecados será deposto" (IV,42-43). Em resposta a esta situação de degradação surgirá o Pastor, ornado com a benção de Jacob, para proceder à limpeza do Templo, ele que patenteará as portas desse futuro.

Este quadro tem paralelos. Na divisão da Igreja, "que há-de durar por muitos séculos e finalmente terminar" com a união dos desavindos, pois, pelos méritos e intercessões de Maria, "o Senhor apiedar-se-á do seu povo e enviará o novo Cordeiro que ensinará a todos os povos os segredos da fé" (VIII,201). Na ruptura provocada no reino de Deus estabelecido pelos apóstolos, ruptura causada pelo surgimento do islamismo. Antes de subir ao Céu, Cristo informa os apóstolos: "A mim convertereis o mundo todo. Depois, virá do Oriente o Filho da Iniquidade e a Besta Voraz, cujo bramido se propagará até aos povos cartagineses, e arrebatá-me-á uma grande parte do meu reino." Mas serão os bizantinos, designados por iberos, que, depois de convertidos, "a mim converterão também os outros e eliminarão todos os dissolutos costumes e banirão a abominação que reina no Lugar Santo". É depois da vitória sobre o mal, no final, portanto, do processo de degradação, que o Pastor surgirá. "E, de novo, o Evangelho será pregado em todo o mundo. E enviarei um vigário humilde, pacífico, benigno e clemente, que reformará todas as coisas" (VIII,215).

O futuro esperado, incerto quanto ao limite inicial, terá definido o limite final?

Não há indicações explícitas quanto à duração desse futuro, mas há caracterizações que parecem apontar para uma duração ilimitada, mais, permitem prolongá-lo até ao final dos tempos e, até, pelos tempos escatológicos. O Pastor "elevantá o Monte Sião, ou seja, a Igreja de Cristo, à altura dos montes e, arrancada ao nevoeiro e à escuridão das trevas, a iluminará, sendo eterno a partir de então o seu esplendor" (IV,44). Ao fazer o elogio da Maria, afirma-se: "Suplantou e venceu o diabo, venceu Lúcifer, expulsou o príncipe deste mundo. Será de novo e sempre expulso e, naquele tempo, será definitivamente expulso, ele que expulsou os nossos pais do Paraíso Terreal" (VIII,199). A encerrar a revelação, depois de Maria ser elevada ao Céu, no que alguns manuscritos designam de epílogo, afirma-se: "Olha que ouviste e viste os grandes mistérios

da fé cristã, fé que, com o advento do novo Pastor, se renovará como a águia e se rejuvenescerá, e com a chegada daquele Pastor de quem muitas vezes falei se renovará. Então será cumprida aquela passagem do Apocalipse: *Vi a Cidade Santa, a Nova Jerusalém, que descia do Céu, de junto de Deus*¹⁰ (VIII,222).

A derrota definitiva do Diabo acontece, na Apocalipse de João, às portas da eternidade, como afirma S. Jerónimo no comentário a Apoc. 20:8-10: "Hoc etiam ad iudicium pertinet novissimum – Também isto pertence ao juízo final". E como Apríngio de Beja afirma sobre o mesmo passo: "Huic parvitas nostra, dum mille annos regnaturum Christum metuit dicere, et aeternitati tempus inferre, utcumque, Deo largiente, pervenit – A isto chegou, com a ajuda de Deus, a nossa curta idade, quando receou dizer que Cristo havia de reinar por mil anos e havia de introduzir o tempo na eternidade"¹¹. Também a descida da Jerusalém Celeste é posterior à última ressurreição, ao juízo final e à nova criação.

Esse futuro é o tempo das "Núpcias do Cordeiro", como é dito, logo no início, quando Gabriel apresenta a Amadeu a Assembleia que rodeia o trono: "Todos estes te consideram e todos exultam, porque vêem chegado o tempo das Núpcias do Cordeiro" (I,2); e como lhe diz, quando lhe faz a entrega dos cânticos que Adão cantou depois da queda, e que Miguel cantou depois da queda de Lúcifer: "para que sejam cantados continuamente no tempo das Núpcias do Cordeiro e depois" (V,72); e lhe garante: "Hão-de chegar realmente as Núpcias do Cordeiro em que exultareis de inenarrável alegria" (VI,146).

As Núpcias do Cordeiro simbolizam o estabelecimento do reino celeste em que "... sic ornati sanctitate et iustitia procedent coniungendi Domino suo et in aeternum mansuri cum eo – assim caminharão, ornados de santidade e justiça, os que hão-de assoar-se ao seu Senhor e com ele hão-de permanecer para sempre".¹²

Este futuro, incerto quanto ao limite inicial, cujo limite final atesta com a eternidade, será um tempo ideal. Será "o feliz tempo do mais feliz dos Pastores" (VIII,183), em que deixará de existir o erro e o reino da verdade será universal, porque Deus "quer purificar o mundo de todos os erros e reconduzir todos os homens ao seio da única verdade" (I,1). Será tempo de uma fé simples e pura em que "todos louvarão o nome do Senhor" (I,7). Então, "todas as gentes" conhecerão a vontade de Deus, os infiéis converter-se-ão à verdadeira fé, "toda a humanidade será um só redil com um só Pastor" (III,20). É o tempo "em que Deus vai fazer maravilhas", em que a compreensão dos homens se aproximará da dos anjos (VI,146), em que "também a Apocalipse de João, que está fechada com sete selos" será "entendida" (V,90). Tempo, diz o anjo, "em que exultareis de inenarrável alegria" (VI,146).

Será, contudo, um tempo em que se continuará a crescer na fé; em que a revelação continuará a desenvolver-se, como deixam ver estas palavras: "Nem tudo deve ser desvendado ao mesmo tempo, para que também aqueles tempos possam alegrar-se com revelações próprias" (VII,151); e estas: "Veja-se isto com muitas outras coisas nesse feliz tempo. Não vou divulgar nem dar a conhecer tudo agora" (VII,156). Tempo em que as insolúveis questões filosóficas serão esclarecidas: "Mas se Deus e a criatura convergem no ente ou na substância como em algo comum a ambos por parte da coisa e não pela razão, ver-se-á naquele tempo" (VII,153). E também: "Digo-te agora isto, que, se as Pessoas divinas fossem constituídas pela própria essência em que convergem e por outra coisa qualquer em que se distinguem, essa outra coisa não poderia ser a relação, como ficará claro no tempo do Pastor, em cujos tempos isto será dado a conhecer..." (VII,155).

Esse futuro será como que a restauração dos tempos iniciais da humanidade, em que o homem se regia pelos bens do espírito e convivia directamente com Deus: "Estas coisas são para

ti subitis. Escreve-as, contudo, a fim de que esses felizes tempos se deleitem nos bens do espírito, porque o prazer da carne será abandonado e os homens serão de novo instruídos por Deus" (VII,155).

Identificado com a vontade de Deus por acção do Pastor, o homem viverá em paz e harmonia: "A vontade de Deus será cumprida" (VIII,223), e: "A paz universal e a reforma voltarão" (VIII,222). Cessará a divisão na Igreja, porque o Pastor "unirá em união perpétua a Igreja ocidental com a oriental" (VIII,222).

Esse será realmente o tempo das Núpcias do Cordeiro, pois "então será cumprida aquela passagem do Apocalipse: *Vi a Cidade Santa, a Nova Jerusalém, que descia do Céu, de junto de Deus*" (VIII,222).

O Pastor

Esse será o tempo da acção do Pastor e da realização do plano de Deus, dos objectivos do Dec. *Haec sancta*, do Concílio de Constança, e do sonho de Amadeu: renovação da fé, reforma e unidade da Igreja.

O Pastor é o agente da realização deste plano: "Deus quer pôr à frente da sua Igreja o Pastor por ele escolhido para que apascente as suas ovelhas e alimente o seu rebanho na justiça e na verdade..." (I,2). É por ele que "Deus quer que seja levado ao conhecimento de todos os homens" (I,6) a revelação contida no livro de Amadeu. É ele "que dará estas coisas a conhecer a povos e línguas" (I,7), porque a vontade de Deus é "esclarecer o mundo todo sobre quanto é matéria de fé" (III,22).

O Pastor, sendo uma escolha de Deus, será revestido de grande autoridade, que lhe permitirá abrir o livro e revelar a todos os povos os mistérios nele contidos, mistérios que são a manifestação a vontade de Deus. A sua eleição provocará surpresa, apesar de ser uma resposta aos duradouros anseios dos bons. Ele merecerá a adoração de todos os reis. Por isso, há-de reger todos os povos no temor de Deus (III,20), fazendo de toda a humanidade, depois da conversão dos infiéis, um só redil. Não provocará rupturas, pois será fiel à tradição. Não deixará, contudo, de proceder ao expurgo do que na fé for espúrio.

Sendo "o legítimo e verdadeiro vigário de Cristo [...], abençoado com a benção de Jacob [...], que purgará o mundo de todos os erros e ensinará a todos o que ainda está oculto", a sua acção não se restringirá ao domínio da doutrina. Ele "entrará no Templo e expulsará compradores e vendedores, derrubará as mesas dos cambistas e santificará o Templo, purificará e reformará a Igreja" (IV,42), elevando-a "à altura dos montes" e iluminando-a, "sendo eterno a partir de então o seu esplendor" (I,44).

À causa da renovação da fé e da reforma da Igreja acresce a da sua unidade, pois ele "unirá em união perpétua a Igreja ocidental com a oriental" (VIII,222).

Agente da renovação da fé, da reforma e da unidade da Igreja, da conversão dos infiéis, pois que "antes de chegar o Pastor não se fará a verdadeira sujeição dos infiéis" (VIII,223), com o Pastor "a paz universal e a reforma voltarão" (VIII,222), todos "viverão na pureza da fé e no temor de Deus durante todo o tempo" (VIII,222). Com ele "surgirá o grande rei, e a vontade de Deus será cumprida" (VIII,223).

A harmonia e a felicidade que caracterizam a qualidade desse futuro estão em sintonia perfeita com a acção do Pastor.

Mas o seu perfil não se reduz à imagem que resulta da sua acção. O Pastor é-nos apresentado como o reflexo da imagem de Pedro: Pastor, Senhor, Rei e Pontífice Máximo.

De Pedro diz Cristo, aquando da sua Ascensão: "Pois, porque és Pastor, és verdadeiramente rei. Reger os homens não é senão apascentá-los. E apascentar é reger. Portanto, o Pastor é rei, e o rei é Pastor. E os verdadeiros reis não são senão Pastores. Em razão das ovelhas próprias, não serás, pois, apenas senhor, mas serás também rei. E uma vez que tudo quanto desligares ou ligares na terra será desligado ou ligado no céu, quem abençoares será bendito, quem amaldiçoares será maldito, há-de consagrar, abençoar, santificar e instruirás e ordenarás aqueles que sob a tua ordem isto hão-de fazer e, por isso, serás Sumo Sacerdote e Pontífice Máximo" (VIII,182).

Pastor, Senhor, Rei e Pontífice são títulos de Pedro.

Apresentando o Pastor como imagem da Trindade, dele se afirma em *Apocalypsis Noua*:

"Ele mesmo será vero Trismegisto, sim, três vezes grande
Ele será Senhor e Rei todo poderoso, de todos será Sumo Pontífice
De tudo ele será possuidor e sobre todos exercerá o direito
Será, pois, Senhor, porque como suas conseguirá dominar as coisas
Dirigirá tudo, tudo regerá e apascentará, será, pois, Supremo Rei
Pois reis verdadeiros não são senão os Pastores dos povos
Ele consagrará, abençoará e santificará, e Bendito e Santo Pontífice será
Pela dignidade do senhorio conseguirá ele assemelhar-se ao Pai, de quem tudo vem
Reger ao sábio pertence. Pela dignidade régia há-de demonstrar a sabedoria do Pai
Toda a benção e todo o dom por direito atributo são do Espírito Santo
[...]

De todos fará um rebanho só, reunido sob um só Pastor

O Cordeiro que tira o pecado do mundo reinará para sempre e pelos séculos" (VII,175).

Pastor, Senhor, Rei e Pontífice são igualmente atributos do Pastor.

Apresentando-se aos apóstolos como modelo, aquando da Assunção de Maria, diz Cristo: "Sempre vos ensinei, sempre vos disse: *Aprende de mim que sou manso e humilde de coração*. Sou indulgente, sede indulgentes, porque o servo não é maior que o seu senhor, nem o discípulo maior que o seu mestre enquanto é seu mestre. O que for mais pacífico, mais humilde e mais indulgente, esse presidirá um dia a toda a Igreja" (VIII,215). E define, na mesma circunstância, o perfil do Pastor que há-de enviar depois da catástrofe: "E enviarei um vigário humilde, pacífico, benigno e clemente que reformará todas as coisas" (VIII,215/6).

Nestas três figuras, Cristo, Pedro e o Pastor, estão implícitos os três tempos da Igreja. Mas está, sobretudo, a condenação da orientação do Concílio de Constança, ao pretender sobrepor-se ao papa, e, conseqüentemente, a afirmação do primado do sucessor de Pedro. Mas está ainda o sentido de continuidade e coesão entre eles.

Conclusão

Amadeu tem um sonho. Sonho que se projecta num futuro. Esse futuro é incerto quanto ao seu início. O seu fim coincidirá com a Parusia. Não se identifica, conseqüentemente, com a ideia estrita de milénio, enquanto período entre uma primeira e uma segunda vinda de Cristo, entre uma primeira e uma segunda ressurreição. O futuro de Amadeu é parte integrante do tempo da Igreja. Será, contudo, como o tempo do milénio, um tempo de felicidade. Será também, de algum

modo, tempo de restauração do passado original. Será, conseqüentemente, tempo de reformas e tempo de aperfeiçoamento na Igreja. E, nesta vertente, de novo se aproxima do tempo do milénio, enquanto pressupõe o caminho para a unidade pela conversão dos infiéis, neles incluindo, implicitamente, os judeus; a pregação do Evangelho em toda a terra; a existência de um único redil sob um só Pastor; a coexistência do grande Pastor, cujas características o aproximam do Pastor Angélico, e do grande Rei, que se pode aproximar, apesar da ausência de sinais, do Rei dos Últimos Dias.

A estes dados acresce ainda o quadro das crises, na sequência das quais se inicia, de um lado, o futuro, do outro o milénio. E acresce a expulsão do Diabo.

Num quadro definido por cores milenaristas, Amadeu mantém-se fiel à ortodoxia, embora se não possa enquadrar na visão agostiniana que faz coincidir o milénio com "o período de duração indeterminada reservado ao reinado da Igreja entre a vinda do Salvador e o fim dos tempos".¹³

Notas

¹ Sousa Costa, *Studio Critico e Documenti inediti sulla vita del Beato Amadeo da Silva*, Romae, Pontificium Athenaeum Antonianum, 1982.

² Hans Küng, *O Cristianismo, Essência e História*, Círculo de Leitores, 2002, pg. 434.

³ *Nova História da Igreja II*, Petropolis, Vozes, 1983, pg. 456.

⁴ *O Cristianismo* 437.

⁵ Act 1:7.

⁶ Hab 2:3.

⁷ Jo 16:22.

⁸ Hab 2:3.

⁹ Lc 21:28.

¹⁰ Apoc 21:2.

¹¹ Alberto del Campo Hernandez, *Comentario al Apocalipsis de Apringio de Beja*, Pamplona, Edit. Verbo Divino, 1991.

¹² *Idem* - Apoc 21:2.

¹³ Jean Delumeau, *Mil anos de Felicidade*, Lisboa, Terramar, 1997, pg. 33.

Sto Agostinho, *A Cidade de Deus*, XX, IX